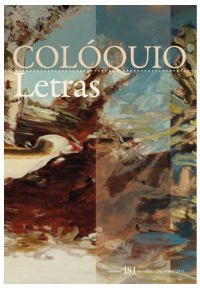


COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

# A Europa de Ruben A.

Liberto Cruz

Para citar este documento / To cite this document:

Liberto Cruz, "A Europa de Ruben A.", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 65-73.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

# A Europa de Ruben A.

Liberto Cruz

se não fosse o amor de mãe, o percurso do cidadão Ruben Alfredo Andresen Leitão e o itinerário do futuro escritor Ruben A. talvez tivessem sido diferentes. Mas vamos aos factos.

Os pais de Ruben tinham feito um seguro cujo prémio era uma viagem a fazer pelo filho quando atingisse a maioridade, isto é, em 1938. Aconteceu porém que nesse ano reprovou no exame do 7.º ano do ensino liceal, o que pôs em perigo a realização da viagem. Uma carta da mãe, D. Gardina Andresen, enviada para o Porto, onde se encontrava o jovem estudante, salvou a situação: «Acabo de falar contigo ao telefone e vejo que ficaste muito triste por não teres passado no exame o que muito me afligiu... / O que nós queremos é que tu tenhas saudinha e o que não vai num ano vai em dois... Agora vai para Cascais e diverte-te. Mas com cuidado na saúde, e quando for a altura vais até à Alemanha dar o passeio à mesma.»[1]

Num dia quente de agosto, Ruben, nascido em Lisboa mas com uma costela nórdica, entra a bordo do navio *Monte Olívia* soltando «adeuses como quem deixa o Vasco da Gama em terra»... «à terceira apitadela os meus pais abandonaram-me. Senti que haviam jogado ao sabor do destino o seu mais precioso artigo»[2].

Ao chegar a Bremen, a primeira coisa que impressionou o novel viajante foi a luz, «uma luz coada, muito matutina, cheia de ar vaporizado, uma luz que acordava de madrugada cedo»[3]. Passeando pela cidade, vê numa galeria de pintura o modelo de uma fragata que tinha como divisa «*Navigare necesse est, vivere non est necesse*»[4]. Que melhor incentivo para quem iniciava a sua primeira viagem? Que melhor conselho para quem desejava abarcar o mundo inteiro? Depois de Bremen chega a Berlim, a primeira grande capital que ele ia conhecer, uma cidade «que todos os dias os jornais aclamavam centro do mundo, dando ordens, impondo a sua vontade, nova Roma cheia dos desejos de um velho Nero.»[5] Após tropelias várias, próprias da mocidade de quem se encontra à rédea solta numa cidade mais arejada, mais permissiva e menos restritiva, o nosso viajante visita um Museu que o recompõe dos devaneios e

lhe faz ver que, para lá das salsichas, da cerveja e das loiras alemãs, havia um outro mundo que parecia procurá-lo. Nefertiti consola-o e tranquiliza-o. No meio da sala ela irrompia «perfeita, serena, gazelada, colorida, rainha, chefe de todas as cabeças que o mundo iria criar nas futuras esculturas. [...] Era uma deusa, uma fêmea, uma mulher que ao mesmo tempo *juntava* vivos e mortos, bêbedos e sóbrios, perfis e frentes, que fazia acreditar na imortalidade da expressão artística.»[6]

Num encontro que teve com uma judia, Eva Maria, esta conta-lhe que a polícia lhe revistara a casa de alto a baixo e mandara afixar na porta da entrada um dístico para se saber que viviam ali judeus. «Um mundo inédito surgia a meus olhos, um mundo que os jornais da minha terra não contavam.»[7] Chega a Munique transtornado com as levas de judeus e com o clima de guerra que começava a circular insistentemente. «Guerra?! Pensava eu: que coisa estranha! Guerra? Este mundo quer a guerra? Para que é que servem os homens inteligentes?»[8] A visita ao Museu fá-lo deduzir ser a arte uma sublimação, um misticismo de superior rebeldia que não se subjuga às imposições governamentais. E concluía que mal ia o nível do homem quando os artistas faziam política e os políticos queriam fazer arte. A 21 de setembro escreve ao pai: «O passeio do Reno até Colónia é uma verdadeira maravilha e ainda teve o facto de termos estado no mesmo Hotel que o Führer e Chamberlain no dia da grande conferência. Mussolini, segundo os jornais, é hoje esperado.»[9]

Segue para a Áustria: «o passeio é das coisas mais bonitas que até hoje me foi dado panoramar. Devagarinho, nas traseiras do autocarro, ia comendo a paisagem como quem saboreia um naco de deuses bem condimentados. Pela primeira vez viajava numa auto-estrada.»[10] Almoça em Salzburgo, que «é das coisas fundamentais a presenciar-se na vida, uma Florença de outra época, com música a saltar das fontes, gente a sorrir das portadas, anjinhos pendurados nas sacadas mais discretas de ruas estreitas e compridas. [...] comecei a ver que no mundo existiam outras coisas, formas, movimentos, uma dinâmica»[11].

Em Viena sentiu-se «bonançoso». A capital da Áustria recebia-o sem formalismos. No dia seguinte, acompanhado de uma jovem austríaca, ouviu o *Cavaleiro da Rosa* regido por Richard Strauss: «eu ia sentindo que uma nova cadência entrava na minha alma, que começava a desenhar-se um sentido diferente nos sons, que uma harmonia ritmava o ser das pessoas»[12].

A mesma jovem levou-o a ver a Academia de Viena. «Aí pude armazenar para toda a vida as cenas quiméricas, omopláticas, de Brueghel e retinar a estreia de quadros que até então conhecia apenas de reprodução»[13]. Seguiram-se outras visitas: a casa de Schubert e a mansarda de Beethoven, o Palácio de Kobenz e vários castelos. Uma nova ópera, *Bastien und Bastienne*, de Mozart, conquista-o e subitamente ocorre-lhe que poderia ficar a viver em Viena como empregado de um café. Todavia, uma vez mais, a situação dramática

dos judeus e as restrições que começavam a ser impostas na Áustria fazem-no recuar e obrigam-no a refletir: «O esplendor de Viena estava quase sem luz, restrições por toda a parte, o povo tinha que acatar as ordens, a mínima sabotagem castigava-se com o peso oficial de muitos reféns.»[14] O clima de Viena estava impregnado do cheiro a pólvora deixado pelos soldados ao marcharem pelas ruas. «Não gostaste tanto da Áustria?», perguntou-lhe a mãe quando ele regressou. «Gostei muito mais do que de tudo quanto vi», mas não conseguia suportar «a tristeza nas ruas, o ar de luto de toda a população»[15].

Anos mais tarde Ruben dirá que a decisão acertada era ter ficado em Viena porque enfrentar o futuro e suportar complicações são coisas próprias da vida de qualquer ser humano. Mas não deixará de reconhecer que era o amor que falava porque a jovem austríaca o marcara profundamente.

Ruben desembarca em Budapeste e repara que estava num «país de nobres, onde os barões, os condes e os outros fidalgos de coroa não tinham chapa numerada nos automóveis, mas apenas o distintivo heráldico das suas armas! Rendia-me aos castelos de fantasia e nas oitocentas salas do império apresentado pelo palácio eu esfalfava a língua como gado que sem vontade caminha para o matadouro.»[16] Percorre Budapeste de ponta a ponta. Uma cidade com «entusiasmo de cidade, com perspectivas de metrópole, cheia de habitantes simpáticos, com igrejas de vários séculos, museus para diversas funções e piscinas de várias categorias, cidade que passei a considerar como parte integrante do meu ser autómato»[17].

Regressa à Alemanha e visita a catedral de Colónia: «Olhei para aquelas esculturas como quem quer aprender mas ainda não pode, olhei de analfabeto, talvez por esta razão me impressionasse tanto mirar a imensa altura que rompia os céus implorando paz aos homens de boa vontade.»[18] Mas a aventesma nazi aflige-o. «O retrato de Hitler pendurado por toda a banda, até mesmo na cabina do expresso frente à mesa do comandante, a saudação em que todos se cumprimentavam com o *Heil Hitler*, espécie de *Padre Nosso que estais no céu da Terra*, era uma força que esmagava, que estava para além do poder de discernimento que a incerteza dos meus estudos me dera até então.»[19]

Tendo obtido em 1945 a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, Ruben parte em 1947 para Londres como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura. «Emigrava com a saudade de um país geograficamente encantador, inveja dos estrangeiros, mas que à escala humana só com uma lente é possível desvendar a inteligência das coisas, do milagre.»[20]

Em 1948 assiste deslumbrado a uma exposição de Van Gogh na Tate Gallery: «A loucura de Londres é a exposição de desenhos e quadros de Van Gogh e compreende-se bem porque são ondas de cor no ambiente pardo desta cidade»[21].

Uma vez mais a perseguição que tinha sido feita aos judeus e, desta vez, de uma forma dramática e insustentável marca-o profundamente: «Poucos meses antes de embarcar para Londres recebi um postal da Eva Maria [...] Estava a viver dos restos de um campo de concentração, pesava 32 quilos, se eu lhe podia valer em alguma coisa [...] Nessa altura, as licenças para visitar a Alemanha eram impossíveis [...] Tentei tudo no comando aliado de Londres. Apenas obtive autorização para a ver numa fronteira. Ela que escolhesse e dariam autorização [...] Às onze e meia estava na Alemanha, na parte de Alemanha reduzida a um quarto de espera, fora o que ficara para mim da guerra [...] Às cinco desci o degrau com os dois sacos olhei para a Alemanha, longe, em outra planície, e o nada estava evidente, resolvi deixar a fronteira alemã. Caminhei para a fronteira holandesa — Dinxperlo [...] Voltei a Londres carregado de desespero, perdido de imunidade, espinhos enterrados no campo varrido da memória [...] Ela fora proibida de chegar? [...] O que foi feito dela? Nunca mais tive uma palavra, nunca mais terei uma palavra. Morreu? [...] Ela, decerto, tropeçara na morte. [...] Mais uma cruz, se alguém quisesse ter a lembrança.»[22]

Desesperado, repudia com firmeza a doutrina hitleriana e escreve então não ser a obediência coletiva o que ele pretendia e desejava para a Europa. A sua Europa era uma Europa de liberdade, de tolerância e de cultura. Um mundo novo começa a envolver o recente Leitor de Português do King's College, Ruben Leitão. O teatro, a ópera, os concertos, os museus, as exposições, os *ballets*, as conferências e os contactos com escritores e artistas — conhece, entre outros, os escultores Barbara Hepworth e Henry Moore, a escritora Rosamond e o poeta T. S. Eliot — preenchem-lhe o mundo pelo qual fora desvendado.

A Inglaterra democrática, com o seu espírito de liberdade, de abertura e de respeito pelos indivíduos e pelas instituições, ali observada e vivida por Ruben, constituiu uma lição de civismo que se tornou fundamental para o caminho que ele viria posteriormente a dar à sua vida e à sua obra. No entanto, por ironia, é na livre Inglaterra que Ruben A. virá a ser vítima do obscurantismo português então vigente. Feito crítico literário, António de Oliveira Salazar escreve pelo seu próprio punho o seguinte:

> Caiu-me ontem debaixo dos olhos um livro, *Páginas II*, de Ruben A. [...] O livro, ou é de um louco ou de um sujeito que, tendo dinheiro para pagar um livro de dislates, se propôs rir-se de todos nós. Há páginas inteiras completamente ininteligíveis e irredutíveis na análise das regras da gramática portuguesa, recheadas de termos de invenção do Autor e formadas sem tom nem som. Explora-se o reles, o ordinário, o palavreado porco, não só da língua literária, mas do falar corrente.
>
> As porcarias, obscenidades, palavrões juncam o livro. [...] Em conclusão: *O Autor não pode representar Portugal nem ensinar português.* [...] E já não falo de

certas taras morais ou sexuais do livro [em que] se vê que o Autor deve pertencer aí a um círculo de pessoas que a polícia persegue.[23]

Esta disparatada e absurda nota crítica de Salazar, escrita em 9 de novembro de 1950, virá a ter efeitos punitivos no ano seguinte. Ruben A. abandona, com amargura, o cargo de Leitor do King's College.

A ânsia de mais contactos, de ver novas terras, de encontrar outras gentes, de esmiuçar outras formas de ser, de observar diversas culturas, que por ele esperavam noutros países, levam-no a viajar, nas férias da Páscoa de 1948, pela Holanda e pela Bélgica. «Um desejo florido leva-me à Holanda [...] Atravesso moinhos, canais e pastos num desejo rápido de Amsterdão [...] Rembrandt foi devorado mas Vermeer e Peter de Hooch permanecem intactos numa pureza de burgo estacionário. Quis-me possuir em Rembrandt e fui a casa dele ver o ambiente de museu»[24].

«O Rijksmuseum de Amsterdão é um mundo presente da pintura holandesa, mas para além de tudo ficou-me o século XVI — Van den Leyden. [...] até que descobri qualquer coisa de extraordinário na *Ronda da Noite*. [...] Cheio de arte, cheio de perspectivas, cores, formas, ângulos, porcelanas, móveis, tapeçarias esverdeadas quis ir visitar os Van Goghs»[25]. No dia seguinte outro maravilhoso museu aguardava a sua vinda. Chegado a Roterdão, vai ao Boyamans Museum ver o «divino Bosch». E exclama: «Bosch — Greco — a melhor parelha que tem puxado quadros.» Uma escultura de Degas impressiona-o fortemente.

Em Leiden esfalfa-se na contemplação de muitos quadros importantes e sente-se dominado pelos primitivos. E nota que Leiden, embora seja uma cidade pequena, tem quatro museus interessantes.

Chega a Bruxelas de comboio, e aí encontra o que considera serem «os quadros mais espantosos da escola flamenga. — Maître des anciens Pays Bas, Lucas de Leyde (génio), Cranach, Maître daqui e dacolá, — Roger de la Pasture (Van der Weiden), Maître des Moulins. [...] Os Bruegel pai e filho a contemplar o mergulho diabólico de Ícaro num azul mais perto do céu do que das entranhas marinhas. [...] A *Tentação* de Bosch»[26]. Serenamente avisa que quem «se não realize em Arte não pode viajar — a sua preocupação torna-se meramente descritiva e informativa — é um ser sem requinte»[27].

De 15 a 22 de abril de 1948 é visitado em Londres pelo casal amigo Menez (pintora) e Ruy Leitão (diplomata). Segundo Ruben foi uma semana mágica: teatro, *ballet* e música: «Shakespeare no Old Vic, Lac des Cygnes em Covent Garden [...] pic-nics em S. James Park, galerias em quadros pendurados». E assistiram ainda ao «concerto em D de Beethoven para violino — Toscanini e Heifetz, *Peter and the Wolf* — Prokofieff, — O Pássaro de fogo — muito Mozart — Paul Robeson»[28]. Dias depois *Boris Godunov*, Mussorgsky e

Pushkin, quatro horas e meia na Rússia dos Tsares. Seguiu-se *Santa Joana*, de Bernard Shaw, com Alec Guiness e John Clements e Celia Johnson. Enquanto «o teatro inglês é liberdade» — diz Ruben — «o nosso é clausura — daí o tormento de actor em Portugal lutando contra ambientes e ridículos»[29].

Novos concertos, novas exposições, novas peças de teatro, novos *ballets*, novos encontros, vão alimentando de cultura um pacato cidadão oriundo de um país tão pobre e tão alheio a essas matérias. É uma bebedeira fortificante que ilumina e dá força, alegria e coragem. Uma bebedeira que tem a vantagem de o convidar e intimar a percorrer sem desânimo outras terras do continente europeu para as poder comparar com o seu país de origem. Um estado benéfico e salutar que não magoa o corpo nem o espírito. Pelo contrário: eleva-o e dá-lhe vigor, coragem e saber. E é, sem dúvida, ciente dessa experiência que Ruben se movimenta, se organiza e se dispersa para melhor se encontrar. Uma espécie de ânsia ancestral orienta-o e exige-lhe que percorra o itinerário que ele pressente e que sabe estar e continuar à sua espera. Um itinerário de que virá a usufruir com regalo e proveito e que irá conduzi-lo à sua ideia de Europa. As suas frequentes passagens por Oxford, Cambridge e Stratford-upon-Avon, constituem um inequívoco testemunho.

Em julho de 1949 desloca-se à Escandinávia: Dinamarca, Suécia e No-ruega. Em Goteborg (Suécia) vê um «Lucas de Cranach», «dois Rembrandts», «Bailarinas do Degas, Vlamincks, Van Goghs, Braques e Légers, três Picassos com acrobatas cor-de-rosa e azul»[30].

Segue de comboio para Estocolmo: o «National Museum foi devorado em potencialidade [...]. Duas cabeças torturadas do Bourdelle, um Greco e mais Milles em riqueza mística de criação»; «em todos os países há salas dedicadas aos bons pintores dos séculos XIX e XX — é fantástico como nós não possuímos sequer um quadro dos bons pintores impressionistas, somos burgueses demais para ter e sentir previsão artística»[31]. Voa para Upsala. Foi a correr à casa-museu de Carl Milles: «esbocetos, bronzes, pedras, colunas [...]. Esbati-me em vistas sobre os lagos»[32]. Arrebatado, confessa que lhe apetecera então fazer um pouco de história sobre a Lapónia fornecendo estatísticas e pondo em realce as qualidades de trinta e duas mil almas a puxarem renas. «Kiruna — estação central dos Lapões. / Abysco — Riksgränsen.»

Está agora na Noruega, em Narvik, que «fica na memória pela cor verde da água». Em Lödningen «a água é mais verde e mais transparente». «Com fiordes por todos os lados sinto a Noruega pela primeira vez.»[33]«As quedas de água roncavam dos montes em harmonia de cão de guarda e o rio em baixo precipitava-se nos cabeços.»[34]

Sentado num banco do jardim municipal de Oslo vê à sua direita o «Teatro Nacional com Ibsen, Holberg e Byornson». Há «três museus diferentes — a Galeria Nacional em apreciação dos pintores noruegueses Munch

e Sohlberg [...] Cézannes, Picassos, Rouaults e dois Gauguins [...] — só agora percebi a grandeza paisagística deste pintor taitiano [...]. À tarde fui ver os barcos dos autênticos Vikings»[35]. No dia seguinte ao cair da tarde foi ao Norsk Ballet.

Chegada a Copenhagen: «cidade alegre e de sapatos brancos», o «museu de esculturas do Thorvaldsen»; o Kunstmuseum: «Matisse na maior colecção vista até hoje — Toulouse-Lautrec o maior génio do desenho», Eickhoff e Knud Nellemose; Ny Carlsberg Glyptotek: «as esculturas do Degas — umas 50, e duas dezenas de Gauguins [...]. Só depois de se ter visto muito ballet é que se podem admirar estes movimentos todos de bailarinas [...] — esculturas do Kai Nielsen e do Henning de Oslo.»[36]

Nas férias da Páscoa de 1950 viaja até Paris, considerada então um farol da *inteligentzia* europeia. No seu estilo inconfundível, arrojado e delirante, é assim que o nosso viajante londrino relata a *cidade-luz*: «Boulevard St. Germain Chevalier l'Étoile La Tour d'Eiffel Cocaínomaníacos em pijama listrado e pantufas Chez Maxim's Metro Mistinguett Príncipes russos mascarados de chauffeur Napoleão a curar os inválidos [...] Americanas ricas à espera de gigolot de bigode e flor na lapela com olho fino e à Balzac Opera em gritos histéricos de estridentes cantoras amantes de reis e falsetes de Tenores pederastas [...] Proust a passear pela noite no salão de Madame de Guermand [...] Montparnasse do Utrillo e pintores sem nome sem fim sem escolas Champs Elysées [...] muitos chulos Louvre sorriso menopáusico da Gioconda e vitória satisfeita da Samotrácia Damia a cantar *Mais c'est surtout la Guinguette, la guinguette au bord de l'eau* Carco em boémias que ofuscam os mais existencialistas Academia Francesa cheia dum coelhame de imortais a falarem em pé quebrado»[37].

Após a amálgama de monumentos, livros, escritores, artistas, quadros, evocações, pintores, turistas, aventuras e ambientes, que se prolonga ainda por vários parágrafos do livro, Ruben acaba por se perder na lendária cidade. O Sena, Notre Dame, os Boulevards, etc., e, por fim, o Louvre, que percorre até à exaustão, levam-no a escrever: «Sinto as mãos aparadas, os olhos polidos e os pés cansados.»[38] Manet, Monet, Pissarro, Gauguin, Van Gogh, Renoir, Cézanne, Toulouse-Lautrec, Picasso, Maillol, entre outros, confortam-no da fadiga física. Domingo de Páscoa: vai a Versalhes, onde evoca autores como Rabelais, Descartes, Pascal e Molière, certificando-se ser daquela Europa que ele partilha, que é de uma Europa assim que ele ambiciona fazer parte, que é aquela, afinal, a sua Europa.

Mais tarde nesse mesmo ano, em junho e julho, viaja por Espanha, França e Itália. O périplo é ambicioso: Biarritz, Carcassone, Cannes, Arles, Florença, Siena, Orvietto, Luca, Roma e Capri. No regresso é seu desejo «barcelonar ao longo da costa toda do mediterrâneo ibérico com mouros de Málaga, Córdoba e da Giralda solteira.»[39]

Ei-lo em Bordéus, segundo ele «uma terra de analíticos, de espíritos abertos à crítica estética e filosófica». Num café presta «homenagens póstumas ao grande Jacques Rivière [...], cunhado e amigo de Alain Fournier»[40].

Já em Itália verifica que se entra em Roma por descampados horizontais e que não há arredores. A «Cidade, como dizia o Eça — não admite subúrbios nem pedrouços ou gaias infestadas»[41]. «Paris tem a vibração contínua de modas contemporâneas sempre *up to date*, Londres possui-se de atmosferas íntimas em lugares invisíveis [...] — no entanto Roma é o legado mais novo da antiguidade». «Miguel Ângelo foi uma montanha de poder e quem nunca viu a sua estátua de Moisés vive inquieto de fecundidade.»[42] Não chega a ver a Capela Sistina, por estar fechada, uma capela, protesta o viajante, que «devia estar sempre aberta durante as 24 horas do dia»[43].

Deleita-se em Nápoles e em Capri e proclama haver sítios como a Isola di Capri que «fazem parte de nós antes mesmo do contacto óptico de perspectivas»[44]. Chegada a Assis: «é um mundo que eu sinto e em parte me pertence [...]. Em Assis tudo é impressionante e de tal forma que fiquei tonto adoentado depois da visita à igreja onde está o túmulo de S. Francisco. [...] Ainda mais quando vi os vinte e oito frescos pintados por Giotto»[45].

Florença: «Da janela do meu quarto vejo [o] Palácio Vecchio com a Torre e tudo», «as arcadas magníficas da galeria degli Uffizi»[46]. Luca: «Vale a pena vir a Itália para ir só a Luca [...]. Cem vezes mais bonita do que o Duomo de Florença e mil vezes mais compreensiva do que o bolo de noiva que é a fachada da catedral de Siena.»[47]

Uma conversa tida em Lisboa com o poeta Murilo Mendes leva-o nos anos 60 à Grécia. O historiador e o ficcionista, reunidos num só, o nosso Ruben A., assinam quase duas centenas de páginas, de onde resulta uma obra que se lê com grande encanto e interesse. São páginas apaixonadas e apaixonantes mas lúcidas e sabedoras. A humanidade, a mitologia, a arte, o clima, a geografia, a história e a paisagem, são analisadas com inteligência, sensibilidade, perspicácia e maturidade. «Gosto dos Gregos. Acertaram o passo da humanidade — com eles não há tempo, sim uma herança vinculada à existência de cada ser.»[48]

Em 1975 é convidado a exercer funções docentes na Universidade de Oxford. Parte feliz em setembro para continuar à procura da sua Europa, mas o pacovismo de um quiproquó na fronteira com a Espanha impede-o de prosseguir a viagem. No dia seguinte, graças à intervenção de João de Freitas Branco, secretário de Estado da Cultura, a situação é por fim esclarecida e segue de automóvel com destino a Inglaterra.

Magoado, exausto e desiludido, Ruben A., que a Europa tinha ajudado a forjar e era já um dos escritores mais arrojados de língua portuguesa, morre, pouco depois de chegar a Londres, vítima de um enfarte do miocárdio.

Como dissera um dia, *morrer é como ir a uma corrida de cavalos e ficar lá para o dia seguinte.*

NOTAS

[1] Liberto Cruz, José Brandão e Nicolau Andresen Leitão, *O Mundo de Ruben A*. [1996], 2.ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, p. 46.
[2] Ruben A., *O Mundo à Minha Procura II*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1966, p. 34.
[3] Idem, *ibid*., p. 37. [4] *Ibid*., p. 38. [5] *Ibid*., p. 39. [6] *Ibid*., p. 46. [7] *Ibid*., p. 53. [8] *Ibid*., p. 53.
[9] Liberto Cruz *et al*., *ob. cit*., p. 49.
[10] Ruben A., *O Mundo à Minha Procura II*, ed. cit., p. 49.
[11] Idem, *ibid*., p. 50. [12] *Ibid*., p. 52. [13] *Ibid*., p. 54. [14] *Ibid*. [15] *Ibid*.
[16] *Ibid*., p. 58. [17] *Ibid*., p. 59. [18] *Ibid*., p. 75. [19] *Ibid*., p. 76.
[20] Ruben A., *O Mundo à Minha Procura III*, ed. cit., 1968, p. 131.
[21] Idem, *Páginas (I)*, Coimbra, 1949, p. 16.
[22] Idem, *O Mundo à Minha Procura III*, ed. cit., p. 165-69.
[23] Liberto Cruz *et al*., *ob. cit*., p. 117-8.
[24] Ruben A., *Páginas (I)*, ed. cit., p. 21, 22, 23.
[25] Idem, *ibid*., p. 23-4. [26] *Ibid*., p. 32-3. [27] *Ibid*., p. 33. [28] *Ibid*., p. 54-9. [29] *Ibid*., p. 59, 61.
[30] *Ibid*., p. 230, 231. [31] *Ibid*., p. 232. [32] *Ibid*., p. 235. [33] *Ibid*., p. 243-5. [34] *Ibid*., p. 250.
[35] *Ibid*., p. 251, 252, 253.
[36] *Ibid*., p. 260, 264, 265.
[37] Ruben A., *Páginas (III)*, Coimbra, 1956, p. 105-6.
[38] Idem, *ibid*., p. 115. [39] *Ibid*., p. 140. [40] *Ibid*., p. 144. [41] *Ibid*., p. 174. [42] *Ibid*., p. 177, 178.
[43] *Ibid*., p. 182. [44] *Ibid*., p. 186. [45] *Ibid*., p. 217. [46] *Ibid*., p. 229. [47] *Ibid*., p. 231, 232.
[48] Ruben A., *Um Adeus aos Deuses*, Lisboa, Livraria Portugal, 1963, p. 180.